

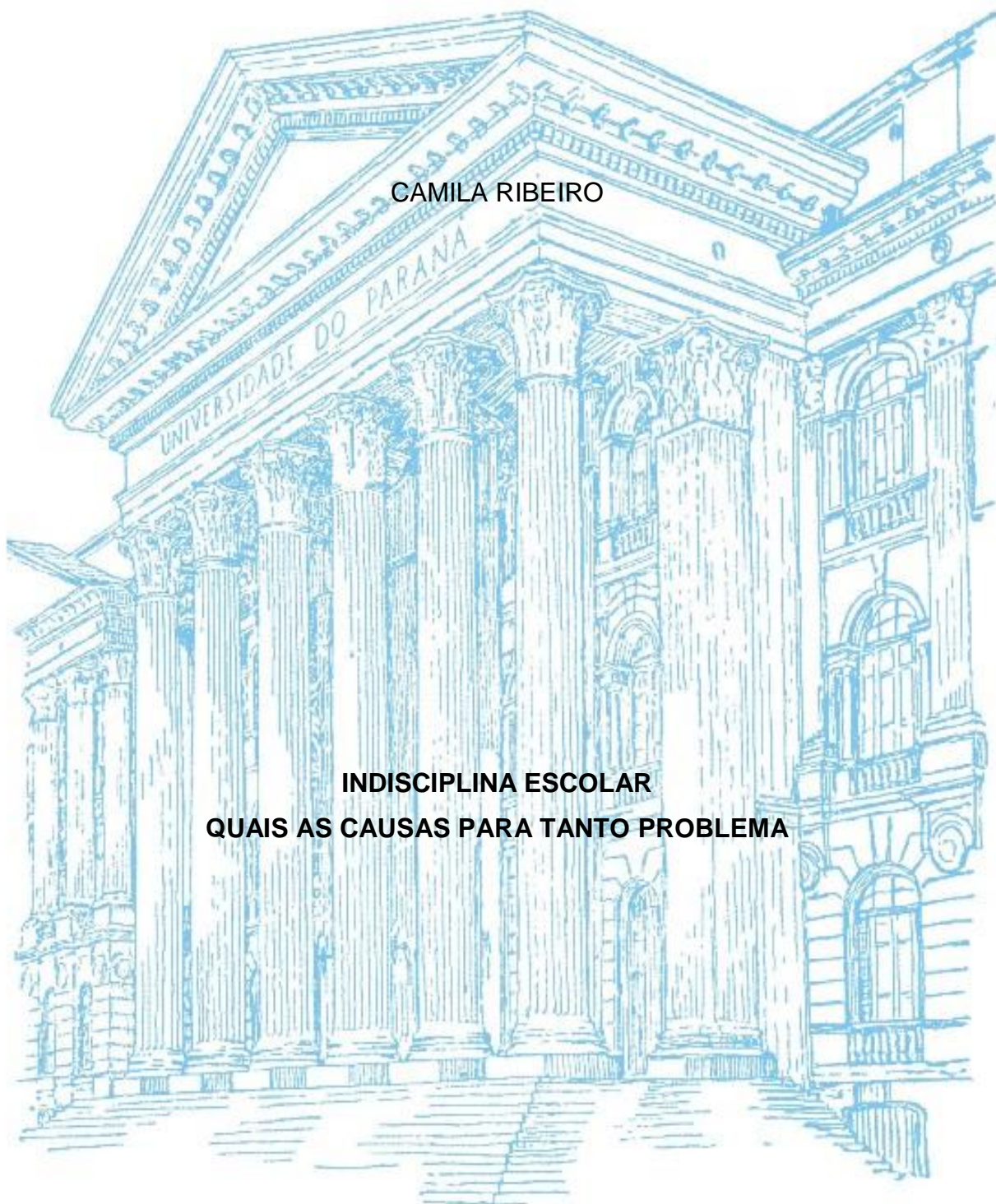
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ
SETOR DE EDUCAÇÃO

CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM COORDENAÇÃO PEDAGÓGICA

CAMILA RIBEIRO

**INDISCIPLINA ESCOLAR
QUAIS AS CAUSAS PARA TANTO PROBLEMA**

CURITIBA
2016



UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ
SETOR DE EDUCAÇÃO

CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM COORDENAÇÃO PEDAGÓGICA

CAMILA RIBEIRO

INDISCIPLINA ESCOLAR
QUAIS AS CAUSAS PARA TANTO PROBLEMA

Trabalho apresentado como requisito à obtenção do grau de especialista no Curso de Especialização em Coordenação Pedagógica, Setor de Educação, Universidade Federal do Paraná.

Orientador (a): Simoni Vilant de Biasi

CURITIBA

2016

INDISCIPLINA ESCOLAR

QUAIS AS CAUSAS PARA TANTO PROBLEMA

CAMILA RIBEIRO*

RESUMO

A indisciplina tem se mostrado como a vilã dos problemas do contexto escolar. Não há consenso sobre as causas, mas uma delas é a desmotivação que os alunos sentem por encontrarem professores não tão engajados, ou mesmo cansados diante da rotina que lhes são atribuídas. Equipe docente e pedagógica junto com as famílias buscam, sem sucesso, uma solução para este conflito que se tornou tão comum em todos os segmentos das escolas. Diante deste contexto, este artigo busca identificar as diversas formas de indisciplina escolar e o motivo da desmotivação dos alunos perante o ensino através de revisão bibliográfica e de pesquisa de campo realizada com alunos do Ensino Fundamental II da rede municipal de Araucária, Paraná.

Palavras-chave: indisciplina, motivação, novas metodologias.

* Artigo produzido pela aluna Camila Ribeiro do Curso de Especialização em Coordenação Pedagógica, na modalidade EaD, pela Universidade Federal do Paraná do Paraná, sob orientação da professora Simoni Vilant de Biasi. E-mail: milaribeiro73@hotmail.com

1 INTRODUÇÃO

A indisciplina escolar é sem dúvida o maior problema encontrado no dia a dia dos professores e toda gestão escolar. Claro que este problema não é recente, muito pelo contrário, muitos autores já vem escrevendo sobre o assunto, na tentativa de entender quais são as causas e principalmente os efeitos que ela produz no contexto escolar, mas, devido à complexidade do assunto, ainda não há um consenso sobre o assunto.

Para tentar identificar alguns destes efeitos, buscarei fazer uma breve revisão bibliográfica, a fim de contextualizar a problemática sobre a questão da indisciplina escolar.

Segundo Ferreira (1986, p.595) o termo indisciplina pode ser definido como “procedimento, ato ou dito contrário à disciplina; desobediência; desordem; rebelião”. Assim, indisciplinado é o indivíduo que “se insurge contra a disciplina”. Pode-se notar que sempre que se fala em disciplina, existe uma relação com obediência ou cumprimento de regras. A indisciplina geralmente é compreendida como um comportamento inadequado, rebeldia, falta de educação ou de respeito ao professor ou outra autoridade. Nesse sentido, ser disciplinado é cumprir regras, obedecer e não sair da norma.

Sabemos que para viver em sociedade é necessário o cumprimento de muitas regras a fim de nortear as relações. Na escola não poderia ser diferente. A disciplina existe não apenas como modelo de obediência, mas sim necessárias ao bom convívio de todos os elementos deste contexto social. Neste modelo, o disciplinador é aquele que educa, oferece parâmetros e estabelece limites (REGO, 1996).

Uma das causas das manifestações de indisciplina, apontados por (LA TAILLE, 1996; AQUINO, 1996; REGO, 1996; ARAÚJO, 1996) é a falta de conhecimento e a falta de autoritarismo do professor, principalmente no que se refere à sua postura em sala de aula. Ultimamente muitos professores deixaram de ser as “autoridades do saber”, pois estão desqualificados, desatualizados e desmotivados, com metodologias que não atraem os alunos e não estimulam a pensar. Como consequência temos aulas pouco atrativas, que não envolvem os alunos e dão margem às manifestações de indisciplina, pois sabemos que o

processo de aprendizagem deve promover desequilíbrios cognitivos, fazendo com que este tenha iniciativas, envolvimento e prazer em participar do processo

Tenho ciência que o professor não é o único culpado pela indisciplina e desmotivação do aluno. Fora da escola, a família, as relações com outros grupos sociais, a tecnologia, modelos produzidos pelos meios de comunicação atuam diretamente no comportamento do adolescente que procura reproduzir.

Neste sentido, após verificar que questões relacionados à indisciplina norteiam a problemática maior da realidade das escolas, e que ainda não temos dados efetivos e nem receitas prontas para resolver o problema, busco através deste artigo elencar os sentidos conferidos à indisciplina escolar por parte de autores conceituados da educação, por professores, bem como, encontrar as principais causas na visão do principal envolvido, o aluno. Parto do pressuposto que se desejamos compreender e intervir na realidade educacional, devemos escutar os sujeitos que estão envolvidos no cerne do problema.

2 ENTENDENDO AS CAUSAS DO PROBLEMA

O problema da indisciplina tem se tornado um dos principais entraves do contexto escolar. Ele tem se agravado de tal forma que nem escola e nem família estão conseguindo resolvê-lo. Este problema não é novo e muitos autores já vem discutindo esse assunto, mas pela complexidade, ainda não conseguiram chegar a um resultado ou interpretação unânime para encerrar o tema.

Muitas vezes encontramos o significado de disciplina como obediência das normas, das regras sociais. Então, claramente subentendemos que a indisciplina manifestada por um indivíduo é a quebra das regras, um comportamento inadequado ou até rebeldia. Desta forma, as regras são o ajustamento essencial para o controle do aluno ou da sociedade.

O que não pode ser confundido nesta fala, é que compreendemos que a disciplina é necessária para um bom funcionamento e convívio dos diferentes elementos que nela atuam, mas que ela não pode ser, de maneira nenhuma, um modelo de castração. O modelo certo de disciplina é aquele que educa e estabelece limites.

Segundo o Aurélio “disciplina é o regime de ordem imposta ou livremente consentida; ordem que convém ao funcionamento regular duma organização (militar, escolar, etc.); relações de subordinação do aluno ao mestre ou ao instrutor”.

Para Aquino (1996), um dos possíveis causadores da indisciplina nas salas de aula é a mudança no papel do professor. Ele deixou de ser a “autoridade do saber” e agora não consegue se adequar à nova demanda. Eles estão desqualificados, desatualizados e desmotivados, e ainda trazem como herança metodologias que não desafiam os alunos a pensar e a construir o seu próprio conhecimento. Isto tudo, torna as aulas pouco atrativas e desmotivadoras para os alunos.

Antunes (2002) adverte que é preciso ter cuidado com uma sala silenciosa: falar, conversar e debater pode representar um excelente instrumento pedagógico. Mas, há momentos em que o silêncio e a concentração são necessários para que os conteúdos expostos sejam compreendidos.

Para Novais (2004), a autoridade terá função vital na questão disciplinar, quando houver uma interação entre os indivíduos na sala e estes possam construir um conceito de disciplina que não seja imposto por leis arbitrárias, mas construído por meio da negociação de regras claras e justas. Este conceito levará os alunos a desenvolverem autonomia e percepção crítica da realidade.

As diversas manifestações da indisciplina são o desafio para os educadores em sala de aula e na escola, tanto na pública como na particular. (VASCONCELLOS, 1997).

Ainda:

Sem autoridade não se faz educação; o aluno precisa dela, seja para se orientar, seja para poder opor-se (o conflito com a autoridade é normal, especialmente no adolescente), no processo de constituição de sua personalidade. O que se critica é o autoritarismo, que é a negação da verdadeira autoridade, pois se baseia na coisificação, na domesticação do outro (VASCONCELLOS, p. 248).

Para o aluno que temos hoje em sala de aula, precisamos de professores que promovam desequilíbrios cognitivo reais. Pois assim, teremos alunos que se envolvem nas propostas das atividades e não ficam de fora, dando margem para a indisciplina.

Devemos nos preocupar quando o aluno não está envolvido com o processo ensino-aprendizagem e começa a mostrar comportamentos preocupantes à escola, como agitação, ou mesmo apatia. Manifestações pacíficas, quase estáticas, do silêncio e alienação às regras impostas (VASCONCELLOS, 2000). Quando o aluno se esquia da convivência escolar, e de expressar, também teremos uma forma de indisciplina, vista pois, é uma forma de quebrar as regras.

Mais um aspecto importante que deve ser levado em consideração no processo educativo, diz respeito à visão de todos que interagem dentro da escola tem sobre o que é indisciplina e o que é motivação. É preciso que os envolvidos entendam um pouco sobre como se dá a motivação no ser humano, dada como exemplo neste artigo a abordagem cognitivista, que trata a motivação como escolhas conscientes do indivíduo, bem como dos acontecimentos do meio sobre os quais não tem controle e que atuam sobre ele. (BRAGHIROLI et al, 1995, p.103).

As atitudes do professor podem comprometer o rendimento dos alunos.

A indisciplina parece ser uma resposta clara ao abandono à habilidade das funções docentes em sala de aula, porque é só a partir do seu papel evidenciado corretamente na ação em sala de aula que os alunos podem ter clareza quanto ao seu próprio papel, complementar ao do professor (AQUINO, 1998, p.8).

Para Kupfer (1995, p. 79), "... o processo de aprendizagem depende da razão que motiva a busca de conhecimento", ressaltando o porquê da sua importância. Os alunos precisam ser provocados, para que sintam a necessidade de aprender, e não os professores "despejarem" sobre suas cabeças noções que, aparentemente, não lhes dizem respeito.

3 TODO PROBLEMA TEM CAUSA E EFEITO

Para compreender melhor o que tem acontecido dentro das escolas, e o que tem gerado toda essa indisciplina, foi formulado um questionário semiaberto, para alunos de duas turmas, uma do 8º ano e outra do 9º ano, de uma escola municipal de Araucária, região metropolitana de Curitiba, Paraná. Infelizmente esses dados não foram totalmente aproveitados, pois muitos alunos responderam equivocadamente algumas questões, o que fez ter de ser refeito por meio de conversa.

A partir desta conversa foi verificado que as questões relacionadas à indisciplina têm como foco principal a desmotivação dos próprios em sala de aula, e a falta de perspectivas que eles encontram de um futuro melhor a partir dos estudos.

Com base nas respostas conferidas durante a conversa e mesmo pelo questionário, procurei fundamentar as respostas com alguns pontos abordados por especialistas da educação, e também analisar o foco do problema.

A seguir, relatam-se as questões apresentadas aos alunos e suas respostas, analisadas com base em diversos autores que estudam este tema. (ANEXO 1)

Você gosta de estudar?

“ - Gosto. Às vezes. - Não muito. - Gosto de estudar, mas leio pouco. - Gosto apenas de algumas matérias. - Estudo porque minha mãe me obriga. - Prefiro fazer outras coisas. - Não gosto de estudar...”

Dá para perceber pelas respostas que a maioria dos alunos entrevistados não gostam muito de estudar. A maioria das respostas foi que não gostavam. Muitos destes alunos, acham que não precisam estudar fora da escola; que só o tempo da escola que é para estudar. Poucos alunos demonstraram motivação em estudar.

Mas, o que fazer para que o aluno tenha gosto pelo estudo? Primeiramente o aluno precisa ver uma conexão no que está sendo ensinado na escola com a sua vida fora dela e que ele possa achar uma utilidade para isto.

Para Paulo Freire, o interesse dos alunos, se dá pelo reconhecimento do educando no tema a ser estudado, e esse reconhecimento é atingido pelo professor através da compreensão da visão de mundo do aluno. É só quando o aluno possui um interesse (e não é possível separar Paulo Freire de sua ligação com o materialismo histórico, já que esse interesse é predominantemente material) em um determinado tema que ele irá realizar o diálogo com o professor, e é só através do diálogo que a educação irá alcançar seu objetivo.

Como deveria ser a escola para você gostar?

“- Uma construção nova, salas com computadores. - Uma escola sem brigas. - Que existisse mais respeito com os professores. - Teria uma quadra para atividades esportivas. - Salas com menos alunos. - Que tivesse televisões nas salas. - Que os professores fossem mais legais...”

O que mais chamou a atenção nas respostas foi a ligação dos alunos em gostar com a estrutura física da escola. Pelo o que foi observado, os alunos sentem falta de mais espaços e equipamentos tecnológicos na escola.

Poucos alunos se preocupam com a qualidade propriamente dita das aulas. Para eles o mais importante é que o professor seja legal, não importando se é realmente um bom professor.

Para Aquino (1998), dentro da sala de aula o professor é o guia dos alunos levando-os a viagem do conhecimento, redescobrimdo com eles o caminho a ser percorrido. Ao recontar as histórias das descobertas humanas, o professor pede aos alunos imaginação e inquietude.

A participação dos alunos é um elemento importante, pois favorece o sentimento de pertença e implicam o exercício de algum grau de poder sobre as disposições coletivas, bases na criação de um senso de responsabilidade comum e um elemento de motivação (D'ANTOLA apud GARCIA, 1999, p. 105).

Como é o seu comportamento na escola?

“- Participo das aulas. - Faço tudo o que os professores me pedem em sala de aula. - Apenas copio. - Não gosto muito de estar na escola. - Converso com meus colegas. - Às vezes faço uma gracinha para que meus colegas deem risadas. - Não gosto de obedecer alguns professores. - Faço só o que o professor diz que vale nota...”

Percebe-se pelas respostas que muitos alunos possuem comportamentos distintos conforme o professor que está em sala. Para alguns professores, eles colaboram, realizando as atividades propostas. Mas para outros, eles apenas copiam a matéria, ou acabam tumultuando as aulas.

Nota-se que os alunos reconhecem quais são os professores que “controlam” a turma e os que não. E, de uma certa maneira, eles preferem aqueles professores que conseguem dominar a turma, estão com suas aulas planejadas do que aqueles que se mostram inseguros e despreparados. Os alunos também deixam claro que sabem quando os professores estão muito cansados, e até de mau humor. Isto é um fator que há muito de ser pensado, pois professores sobrecarregados, com números excessivos de aulas e salas superlotadas, acabam gerando professores estressados e desmotivados. É nítido quando em uma mesma turma alguns professores não conseguem realizar seu trabalho enquanto outros não sentem

dificuldade alguma. Neste caso o problema não é apenas da turma. Ele está também na atitude do professor, que é quem deve criar condições para a aprendizagem. Segundo Gasparin, (2005, p. 15), o aluno precisa ser constantemente desafiado para perceber a relação do conteúdo com a sua vida cotidiana. Mas, em alguns casos, os alunos relatam que as atitudes dos professores refletem o efeito contrário. Assim, quando o aluno não consegue relacionar o conteúdo com sua vivência, acaba gerando o desinteresse pela aula, o que muitas vezes começa a perturbar o andamento da aula.

Você acha que a escola pode contribuir para a realização dos seus sonhos? Como?

“- Não, infelizmente. - Sim, mas não sei como. - Estudar muito é isso que precisamos para realizar sonhos. - Sim, porque toda faculdade para entrar precisa de conhecimento. - Sim. Se eu estudar vou conseguir me formar. - A escola deixa as coisas mais fáceis. - Sim, porque nela que aprendo a ler e escrever para que eu tenha um trabalho bom. - Não, porque cada um tem que correr atrás dos seus próprios sonhos. - Sim, a escola sempre irá ser parte da nossa vida e tudo que aprendermos irá contribuir...”

Chama a atenção que muitos alunos consideram importante o estudo em sua vida e este faz parte dos seus sonhos, mas, pelas respostas, podemos verificar que o estudo só poderá contribuir no futuro, mais especificamente quando eles chegarem no Ensino Médio ou mesmo em uma graduação.

Para Moraes (1986, p. 10), “... a vida é um caminho e ninguém pode caminhar pelo outro o caminho que é do outro”.

Nota-se que os alunos com boas experiências na escola, continuam acreditando no valor que o estudo pode trazer para sua vida. Já os que, por algum motivo não conseguem relacionar o estudo com boas perspectivas no futuro, acham que a escola não contribui para alcançar seus sonhos. Coincidência ou não, estes são os mesmos alunos que apresentam casos de indisciplina na escola.

Partindo do pressuposto de que, se desejamos intervir de alguma maneira para melhorar o cenário da educação, no que diz respeito a indisciplina, devemos conhecer os dilemas que são vivenciados no interior das escolas por esses alunos e por seus professores.

Diante deste cenário o ideal é provocar mudanças no trabalho dos professores através de estudos, leitura, pesquisa, busca de novas alternativas que possam melhorar consideravelmente suas aulas, pois como se constatou nas respostas dos alunos, o desinteresse e desmotivação é fruto de aulas monótonas e desinteressantes, longe da realidade deles. Não é preciso nenhuma mudança radical na metodologia dos professores, apenas que seja feito um trabalho em equipe, entre professores, pedagogos e direção, onde todos possam propor sugestões, métodos e boa vontade em mudar. Outro ponto importante é envolver a família na escola, para que os alunos vejam que os pais valorizam a escola e que o estudo é muito útil para a vida deles.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A indisciplina é hoje, no interior das escolas, um dos principais fatores de inúmeras dificuldades, principalmente no que se trata do relacionamento professor e aluno, aluno e aluno e até aluno e direção. É um fator que vem se agravando que nem escola e nem família estão conseguindo solucionar este problema. Ao escutar alunos e professores, vimos que todos estão um pouco perdidos quando o assunto é disciplina. Para o aluno, indisciplina é muito mais do que ele perturbar a aula ou estar desinteressado. Ele relaciona a indisciplina apenas como algo que gere confusão ou briga. O que chama a atenção nos dados coletados é que grande parte dos pesquisados, consideram-se como alunos disciplinados, mas não motivados. O que podemos relacionar que para o aluno, estar apenas na sala de aula, mesmo que não trabalhando, é sinal de disciplina.

Durante o tempo da pesquisa, foi conversado com alguns professores, que relacionam a indisciplina do aluno, apenas como problema do aluno. Estes profissionais não consideram que outros fatores podem estar contribuindo para o problema, como a qualidade de suas aulas, metodologias desatualizadas e pouco atrativas.

Através do mapeamento dos dados coletados para este artigo, dá para compreender melhor que a indisciplina da maneira que se apresenta hoje é um pedido de socorro e que algo precisa ser urgentemente feito. É necessário investir na melhoria do ensino, com políticas públicas voltadas à qualificação do professor, e um real investimento financeiro para equipar as escolas com boa tecnologia, a fim

de conseguir oferecer aos alunos das escolas públicas, aulas motivadoras e de melhor qualidade.

Ter um novo olhar sobre o sujeito da educação, o aluno, para conseguir fazer com que ele volte a acreditar que ele faz parte do processo e, para além, que é através do estudo que ele conseguirá um lugar melhor na sociedade. E isto, só será possível, se todos, professores, pedagogos e diretores, compreenderem que eles são a alavanca principal deste processo.

REFERÊNCIAS

AQUINO, Julio Groppa (org). **Indisciplina na escola: alternativas teóricas e práticas**. São Paulo: Summus, 1996.

ANTUNES, Celso. **Novas maneiras de ensinar. Novas maneiras de aprender**. Porto Alegre: Artmed, 2002.

BRAGHIROLI, E.M. et. Al. **Psicologia Geral**. 9 ed. Porto Alegre: Vozes, 1990. p. 89-105,

AQUINO, J. G. **A Indisciplina e a Escola Atual**. Rev Fac. Educ. Vol.24 n.2 São Paulo July/Dec.1998. 14 p. Disponível em: <www.scielo.br>. Acesso em: abr. 2016.

DISCIPLINA In: Dicionário Aurélio <https://contas.tcu.gov.br/dicionario/home.asp>
Acesso em 30 junho 2016.

FERREIRA, Aurélio B. H. **Dicionário Aurélio**. R.J.: Ed. Nova Fronteira, 1986.

FREIRE, P. et al. **Disciplina na escola: autoridade versus autoritarismo**. São Paulo: EPU, 1989.

GARCIA, Joe. **Indisciplina na Escola: uma reflexão sobre a dimensão preventiva**. Revista Paranaense de Desenvolvimento. Curitiba: nº 95, jan. /abr. 1999, p. 101-108.

GASPARIN, João Luiz. **Uma Didática para a Pedagogia Histórico-Crítica**. Campinas: Autores Associados, 2005.

KUPFER, Maria Cristina. **Freud e a Educação – O mestre do impossível**. São Paulo: Scipione, 1995.

LA TAILLE, Yves de. **A indisciplina e o sentimento de vergonha**. In.: AQUINO. Julio Groppa (Org.) **Indisciplina na escola: Alternativas teóricas e práticas**. São Paulo: Summus, 1996.

MORAIS, Regis de. **O que é Ensinar?** São Paulo: EPU, 1986.

NOVAIS, Elaine Lopes. **É possível ter autoridade em sala de aula sem ser autoritário?** Linguagem & Ensino, Vol. 7, No. 1, 2004 (15-51).

REGO, Teresa C. R. A. **indisciplina e o processo educativo: uma análise na perspectiva vygotskiana**. In.: AQUINO. Julio Groppa (Org.) Indisciplina na escola: Alternativas teóricas e práticas. São Paulo: Summus, 1996.

VASCONCELLOS, C. S. **Os desafios da Indisciplina em Sala de Aula e na Escola**. São Paulo: Idéias. n. 28, p. 227-252, 1997.

VASCONCELLOS, C. S. **Disciplina: construção da disciplina consciente e interativa em Sala de Aula e na Escola**. Cadernos Pedagógicos do Libertad. 12a ed. São Paulo: Libertad, 2000.

ANEXO**QUESTIONÁRIO PARA PESQUISA DE CAMPO – ARTIGO DE CONCLUSÃO DA PÓS-GRADUAÇÃO EM COORDENAÇÃO PEDAGÓGICA – UFPR**

Série: _____ Idade: _____

1) Você gosta de estudar?

2) Como deveria ser a escola para você gostar?

3) Como é o seu comportamento na escola?

4) Você acha que a escola pode contribuir para a realização dos seus sonhos? Como?

Obrigada
Camila Ribeiro